

EXCURSÕES DE TURISMO

NA REGIÃO DO VOUGA AVEIRO

Antiga vila e hoje cidade de Aveiro encontra-se situada a 40°38' latitude N. e 0°28' longitude O., a 7 quilometros da foz do Vouga, na margem da grande e pitoresca ria que se estende desde Ovar até Mira, quasi a igual distancia dos rios Douro e Mondego, a 45 quilometros do Porto e a 245 de Lisboa. É banhada por diversos braços em que se ramifica o rio Vouga. O chamado canal do Espinheiro segue a direção de N. O. para S. O. e liga-se, no sitio denominado Duas Aguas, com o canal chamado da Cidade, o qual se estende para O. ao longo do local que tem o nome de Quadro da Alfandega. A parte da cidade que fica entre esses dois canais é atravessada por um esteiro, que os comunica entre si e se chama Esteiro dos Frades. Em frente da cidade acha-se a ilha de Monte Farinha, banhada de um lado pelo canal do Espinheiro e do outro pelo canal de S. Jacintho. As duas partes da cidade cortadas pelo esteiro dos Frades chamam-se ilha do Poço e ilha de Sama; e ao sul do Quadro da Alfandega ha uma pequena lagôa designada pelo nome de lago do Paraíso.

Notas históricas

For cidade importantíssima e muito comercial no tempo dos romanos, que lhe chamavam *Talabriga*, do nome primitivo *Talabriga*, pois diz a tradição haver sido fundada por Brigo, chefe turdulo, em 205, antes da era christã. Em 362, antes da mesma rea, os celtas e os turdetanos invadiram e ampliaram *Talabriga*, fundando *Eminio* (hoje Agueja) *Lameca* (hoje Lamego) e *Conimbriga* (hoje Coimbra). No reinado de Marco Au-

relio, em 152, os mauritanos invadiram *Talabriga*, por mar, saquearam-na e incendiaram-na, reedificando-se mais tarde com o auxilio dos romanos.

Não se sabe ao certo quando *Talabriga* deixou este nome para tomar o de Aveiro, só se sabendo e comprovando que já assim era designada



AVEIRO — Monumento a José Estêvão

no tempo do conde D. Henrique. O nome actual tem sido objecto de não poucas controvérsias, querendo uns que Aveiro seja corrupção do latim *Aviarium*, pelas muitas aves ali existentes, passando a chamar-se *Averium*; pretendendo outros que a actual denominação lhe fosse dada pelos normandos ou gascões, chamando-lhe

Aviron (rêmio) sendo também considerada verosímil a opinião de que pela sua semelhança topographica com a *Aveyron* francesa, tal nome lhe fosse imposto pelos normandos.

Na sua *Linguagem Portugueza*, Fernão d'Oliveira dá como certo que o nome actual vem de, antigamente, ali residir um caçador de aves, por esse motivo designado *aveiro*, ao que não falta quem não ache sequer visos de verosimilhança. No *Lexicon Geographico* da-lhe Brundant o nome de Lavare antigo, sendo o moderno uma corrupção d'aquelle.

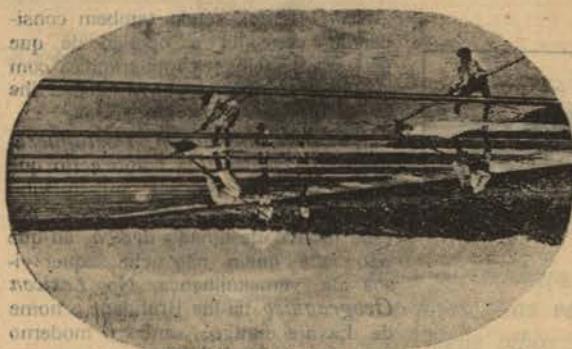
Em 1760 da nossa era, foi elevada por D. José á categoria de cidade, sendo-lhe mudado o nome para *Nova Bragança*, por ser odiado na corte o nome que tinha, visto o duque de Aveiro haver sido um dos autores do atentado contra a vida d'aquele monarca. Por morte de D. José, a rainha D. Maria I determinou que a cidade voltasse a chamar-se Aveiro.

Os monarcas antigos concederam a Aveiro muitos e grandes privilegios. D. Diniz dispôz que os seus habitantes fossem isentos de um determinado tributo, e que não pudessem ser presos por culpas leves. D. Duarte mandou que durante a feira chamada de Março, (ainda hoje ali muito importante) se não pudesse prender nenhum criminoso, que lá aparecesse a comprar ou a vender, salvo se nessa feira praticasse algum novo crime; bem como que na mesma feira qualquer pessoa não pudesse ser citada por dívidas anteriores. D. Pedro, quando regente, determinou que nenhum fidalgo ou pessoa poderosa residisse na povoação por mais de quatro dias sem que expressamente o autorisasse os moradores. Além destes privilégios, que ficam inumerados por nos parecerem assaz curiosos, muitos outros possuíram os aveirenses, os quais se tornaria fastidioso descrever.

Com as continuas guerras dos séculos VIII, IX, X e XI tornou-se Aveiro inhabitável, não só por servir frequentemente de campo de batalha, como pelas porfiadas invasões dos agarenos, ás quais estava sujeita pelo mar. Abandonada pelos habitantes, caiu em ruínas, ficando quasi sem moradores até ao século XV, que foi quando o regente D. Pedro a fez reconstruir e cercar de muralhas, mandando-a povoar de novo para o lado do Sul.

A barra d'Aveiro

Em tempos remotos a barra ficava perto do lugar da Vagueira; depois aproximou-se de Mira, e por



AVEIRO—Salinas

muito tempo variou de lugar na costa, entre esta povoação e Aveiro. No pavoroso inverno de 1575 entulhou-se a barra, de tal modo, que nem a um simples híate dava livre passagem. Os campos tornaram-se então alagadiços e esterres; a produção das marinhas diminuiu consideravelmente e quasi cessou a pescaria. A cidade tornou-se insalubre por causa da estagnação das águas, e por isso a abandonou a maior parte da sua população. Até essa época os campos de Aveiro produziam 30.000 moios de trigo, e as suas marinhas 16.000 moios de sal.

Fizeram-se obras importantes, a primeira das quais ficou concluída em 1808, e já em 13 de Março de 1809 a barra deu entrada aos quarenta navios de vela, que transportaram as munições para o exército inglês. Em 1838 abriu o mar uma nova barra ao S. da chamada Barra Nova. Mudou-se depois o leito do Vouga com o fim de reduzir o trajecto das águas, encaminhando-o pelo canal do Espinheiro para mais facilmente se dirigir à barra, e fizeram-se várias obras para o encanamento dos rios Agueda e Certima. Em 1863 obstruiu-se a barra da Vagueira, do que resultou grande vantagem para as condições do canal, deixando de haver, entre Aveiro e Mira, comunicação com o mar. Onde fôr out' ora a barra chamada da Vagueira, há hoje uma praia de banhos.

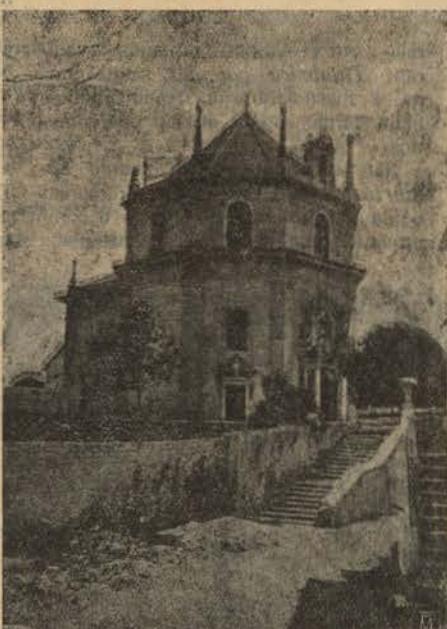
Desde então tem-se realizado constantemente, embora com mais ou menos incremento, obras importantes na barra de Aveiro, de modo a melhorá-la tanto quanto possível.

A barra acha-se em comunicação com a cidade por meio de uma bela estrada, de 7 quilómetros de extensão, que segue pelas terras da Gafanha, atravessando o canal de Ilhavo n'uma ponte, também da Gafanha chamada. E' um dos mais interessantes passeios para o turista avido de sensações agradáveis e de horizontes pitorescos.

O canal que do sitio chamado das

Duas Aguas segue até à barra, apresenta diferentes profundidades, não excedendo a 10 metros em frente do antigo forte da mesma barra, situado na praia do S., não tendo hoje valor militar algum, pois é uma simples bateria de peças antigas, que apenas servem para salvias e para dar sinal aos navios quando há perigo em demandar a entrada do porto.

Ao N. da barra, na chamada costa



AVEIRO—Ermida de Nossa Senhora das Areias

de S. Jacintho, praia de banhos afastada em toda a região, fica a ermida de Nossa Senhora das Areias. Ao

norte e ao sul d'essa ermida foram erguidas duas pyramides, que são visíveis do mar a 16 kilómetros de distância.

Ria e o cais

A ria de Aveiro é um grande agredado de águas salgadas, em cujo leito há mais de 500 marinhas de sal e grande número de pequenas ilhas, de um aspecto sobremodo pitoresco. N'essas águas navegam constantemente mais de 3.000 barcos característicos, e o valor dos seus produtos é calculado em cerca de escudos 400.000 anuais, ou sejam 400 contos da antiga moeda. O braço d'essa ria, que corta a cidade em dois bairros distintos, é ladeado de um belo cais de pedra de cantaria, e atravessado por duas pontes, que ligam em diversos logares aquelas duas partes da cidade. Uma d'essas pontes fica mesmo em frente da Praça do Comercio, onde está o antigo pelourinho de Aveiro. N'esta ria ou esteiro entram e sahem diariamente dezenas e dezenas de barcos, carregando e descarregando diversas mercadorias para o comércio e consumo da cidade.

Da ria partem mais dois braços, um que segue para Ilhavo, Vagos e outras localidades da zona aveirense, e outro que comunica com o canal chamado de S. Roque, ao longo do qual segue uma formosa estrada de rodagem.

A ria de Aveiro é acessível às marés em quasi toda a sua extensão. Os seus quatro braços principais são: a ria de Ovar, que corre paralela ás costas da duna de S. Jacintho, Torreira e Furadouro, até Ovar; a ria de Mira ao S. d'aquela, correndo também paralela á costa e comunicando a lagôa de Mira com o mar; a ria de Vagos, á qual já aludimos, paralela a esta ultima e prolongando-se a E. do areal da Gafanha até à povoação que lhe



AVEIRO

dá o nome; e finalmente o canal da cidade propriamente dito, que banha Aveiro a O. S. e E.

Sustenta esta ria trez industrias importantissimas: a do fabrico do sal, a da apanha do *moliço*, e a da pesca, cujo rendimento anual aproximado já referimos anteriormente. Na sua maior parte, o fundo da ria é constituído por plantas aquáticas, cujo crescimento e propagação são admiraveis. A apanha dessas plantas a que se chama *moliço*, e que ocupa grande numero de pessoas, faz-se nos meses de Junho a Dezembro, calculando-se em mais de 100.000 as cargas desse producto, que são vendidas aos lavradores para adubo das terras, dando um rendimento importantíssimo.

A parte inundada, que forma a ria,

é avaliada em 8.000 hectares; os terrenos cultivados e productivos em 12.800; os areaes e dunas em 26.000; e os terrenos alternadamente cobertos e descobertos, onde estão estabelecidas as marinhas, em 3.000.

A ria de Aveiro, deslizando pelo meio da cidade, deu motivo a que a interessante povoação fosse cognominada de Veneza lusitana, cognome de que muito se ufam os seus naturaes.

Um passeio pela ria, em qualquer dos barcos especias a isso destinados, que embora nada tenham de semelhante com as gondolas venezianas, são muito interessantes, é deveras recomendavel, e de molde a deixar ao turista as mais gratas recordações.

Aveiro é servida pela linha do Norte, tendo estação própria.

que, estancia que se impõe até, simplesmente, para curas de repouso.

E' preciso, tambem, ter em conta o movimento dos alemtejanos sobre as praias algarvias.

Torna-se, pois, urgente, a realização d'esse melhoramento nos caminhos de ferro do Sul e Sueste e, certamente, a respectiva direcção não deixará de estudar a forma da realização imediata d'um serviço que, se muito vem beneficiar o publico, não menor benefícios materiais ha de trazer para essa rête.

Um comboio rapido diario para o Algarve, é um serviço que se impõe como da mais absoluta necessidade; por isso esperamos, dentro em breve, poder anunciar o ao publico.

As comunicações com as Beiras

Por motivo da circulações diaria dos rápidos entre Lisboa e Porto, a Companhia da Beira Alta vae estabelecer, tambem, a circulação diaria do seu comboio n.º 3, a fim de dar imediato seguimento para as estações da Beira, até à Guarda, aos passageiros que de Lisboa para ali seguirem por aqueles rápidos.

E' este um melhoramento de capital importância para as duas Beiras; e a não sobrevir qualquer imperioso obstáculo como seja a escassez do combustivel, sabemos que aquella Companhia pensa em tornar, também, rápido o mesmo comboio n.º 3, assegurando por ele as ligações internacionaes, com a importantíssima economia de onze horas no trajecto de Lisboa a Paris, que é muito apreciavel.

Se esse empreendimento for realizado, certamente que a Companhia da Beira Alta encontrará a compensação no grande numero de passageiros internacionaes que procurarão a via Pamplhosa — Vilar Formoso — Salamanca — Medina, não só pela mais curta duração do trajecto como por ser o mais económico.

E' muito para animar o prosseguimento d'essa idéa, que merece os maiores louvores e cujos resultados praticos se afirmarão por maneira incontestável.

Todo aquele que se interessar pela manutenção da «REVISTA DE TURISMO», deve dar-lhe o seu concurso, angariando-lhe assinantes e fazendo-lhe comunicações que interessem ao seu fim especial.

SERVIÇOS FERROVIARIOS

Comboios directos, diarios entre Lisboa e Porto

A Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes, tendo sempre em vista atender quanto possível ás necessidades do publico, resolveu tornar diarios, a partir de 23 do corrente, os comboios directos entre Lisboa e Porto (e as suas ligações para a Figueira e para Coimbra), que até agora circulavam apenas trez vezes por semana.

E' evidente o beneficio que esta medida representa para o publico, na quadra do ano que vamos atravessando, em que o movimento de passageiros, entre o norte e o sul do paiz, mais se intensifica.

E' evidente tambem a boa vontade com que, não obstante a recente e extraordinaria subida do preço do carvão e a extrema dificuldade em o obter, mesmo por elevado preço, a Companhia procura, atravez de todos os sacrificios de despezas e de trabalhos, melhorar quanto pode os seus serviços, no intuito unico de bem servir o publico.

Este serviço é mantido sem limite salvo o caso de, por circunstancias imprevistas, o fornecimento do combustivel se reduzir, o que obrigaría aquela Companhia a restringir novamente ou mesmo a suspender a circulação de tales comboios.

Como complemento d'esta melhoria de serviço de comboios, a Companhia dos Caminhos de Ferro pensa tambem em prolongar até Alfarelos e Figueira, a partir de uma data pro-

xima, que brevemente se anunciará, os comboios n.ºs 202 e 207, que actualmente circulam entre Lisboa e Caldas.

A marcha destes comboios, assim prolongada, está sendo estudada por fórmula a darem ligação em Alfarelos com os comboios correios que circulam pela linha do norte entre Lisboa e Porto.

Vêmos d'esta maneira realizada a indicação preconisada em um dos nossos anteriores numeros, com o que muito nos regozijamos, visto que assim não só as duas mais importantes cidades do Paiz ficam facilmente ligadas, mas, especialmente, as praias e termas portuguezas podem contar com um comodo meio d'acesso, o que na presente quadra representa um importante beneficio.

As comunicações com o Sul

Ficando assim melhoradas as comunicações com o Norte do Paiz, indispensável é tambem que o Sul não seja relegado para uma condição secundaria. Além do movimento comercial e industrial que, pela sua grande intensificação, exige uma maior facilidade de transportes entre a Capital e os seus diferentes e ricos centros de produção, ha que atender, tambem, ás exigencias e comodidades dos que desejem aproveitar esta quadra do ano para, em digressão, conhecerem as belas e ricas províncias alemtejana e algarvia e, ainda, ás necessidades dos que sejam obrigados a tratamento pelas valiosas aguas do Alemtejo, d'entre as quaes se destacam as de Moura, como nas Caldas de Monchique.